

AS
COISAS
QUE
GUARDAMOS
EM SEGREDO

LUCY SCORE

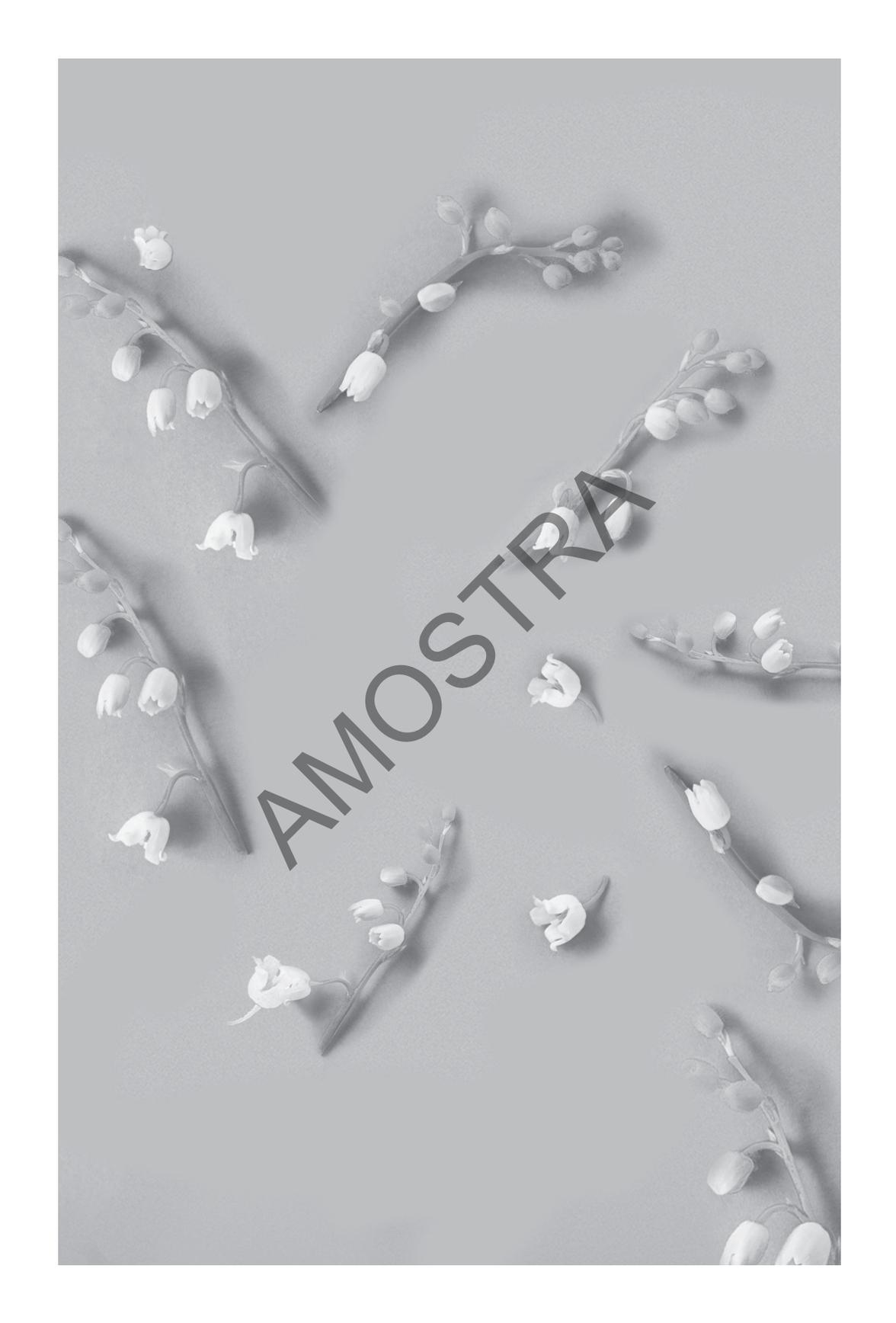
TRADUÇÃO DE LETÍCIA CARVALHO



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2023

Em memória de Chris Waller, o marido leitor que entrou em contato e me pediu que incluísse “forro de reforço” em um livro apenas para que pudesse ganhar uma aposta com a esposa. Kate, espero que sorria quando reencontrar essas palavras aqui dentro.

AMOSTRA



AMOSTRA



UM BRASAS MINÚSCULAS

Nash

Os agentes federais no meu gabinete tinham sorte por duas razões. Primeiro, o meu gancho de esquerda não era mais o mesmo de antes de eu ser baleado.

E, segundo, eu não tinha conseguido forçar quaisquer sentimento que me fizesse considerar fazer algo estúpido, muito menos raiva

— O departamento entende que você tem um interesse pessoal em encontrar Duncan Hugo — disse a agente especial Sonal Idler do outro lado da minha mesa, onde estava sentada com a coluna ereta. Ela desviou o olhar para a mancha de café na minha camisa.

Sonal era uma mulher severa vestindo um terninho que lhe dava a impressão de que se alimentava de trâmites no café da manhã. O homem ao lado dela, delegado federal Nolan Graham, tinha bigode e a aparência de um homem que estava sendo forçado a algo que não queria nem de longe fazer. E parecia me culpar por isso.

Eu queria conseguir me sentir bravo. Queria sentir algo diferente do grande vazio que me sugava, inevitável como a maré. Mas não havia nada. Só eu e o vazio.

— Mas não dá para você e seu pessoal ficarem zanzando por aí bagunçando minha investigação — continuou Idler.

Do outro lado da parede de vidro, o sargento Grave Hopper despejava um litro de açúcar no café e fulminava os dois federais com os olhos. Atrás dele, o restante do escritório zumbia com a energia habitual de um departamento de polícia de cidade pequena.

Telefones tocavam. Teclados eram digitados. Policiais serviam. E o café era uma porcaria. Todos estavam vivos e respirando. Todos menos eu.

Eu estava apenas fingindo.

Cruzei os braços e ignorei a pontada no meu ombro.

— Agradeço a cortesia profissional. Mas por que o interesse especial? Não sou o único policial a levar bala enquanto cumpre o dever.

— Também não era o único nome naquela lista — disse Graham, falando pela primeira vez. Tensionei a mandíbula. A lista tinha sido o princípio deste pesadelo.

— Mas você foi o primeiro alvo — disse Idler. — Seu nome estava na lista de agentes da polícia e informantes. Mas isso vai além de um tiroteio. Esta é a primeira vez que temos algo que pode ser ligado a Anthony Hugo.

Foi a primeira vez que ouvi qualquer tipo de emoção em sua voz. A agente especial Idler tinha sua própria motivação, e era colocar o chefe do crime, Anthony Hugo, na reta.

— Preciso que este caso seja solucionado — continuou ela. — É por isso que não dá para ter cidadãos tentando agir por conta própria. Mesmo que tenham distintivos. O bem maior sempre vem com um preço.

Esfreguei a mão na mandíbula e fiquei surpreso ao encontrar mais do que uma barba rala ali. Barbear-me não andava no topo da minha lista de prioridades nos últimos tempos.

Ela presumiu que eu vinha investigando. Uma suposição razoável, dadas as circunstâncias. Mas ela não sabia o meu segredinho. Ninguém sabia. Podia estar me curando por fora. Podia vestir o meu uniforme e aparecer na delegacia todos os dias. Mas, por dentro, não tinha sobrado nada. Nem mesmo o desejo de encontrar o homem responsável por isso.

— O que espera que o meu departamento faça se Duncan Hugo voltar aqui querendo meter bala em mais alguns dos seus cidadãos? Feche os olhos? — falei com a voz arrastada.

Os federais trocaram olhares.



— Espero que nos mantenha informados de quaisquer acontecimentos locais que possam estar ligados ao nosso caso — disse Idler com firmeza. — Temos mais recursos à nossa disposição do que o seu departamento. E nenhuma motivação pessoal.

Senti um lampejo de algo em meio ao nada. *Vergonha*.

Eu deveria ter uma motivação pessoal. Deveria estar lá fora caçando o cara. Se não por mim, então por Naomi e Waylay. Ele tinha agredido a noiva do meu irmão e a sobrinha dela de uma outra forma, raptando-as e aterrorizando-as por causa da lista que me rendeu dois tiros.

Mas parte de mim tinha morrido naquela vala naquela noite, e não parecia valer a pena lutar pelo que restou.

— O delegado Graham aqui ficará por perto por um tempo. Ficará de olho nas coisas — continuou Idler.

O bigodudo não parecia mais feliz com isso do que eu.

— Alguma coisa específica? — perguntei.

— Todos os alvos restantes da lista estão recebendo proteção federal até que comprovemos que a ameaça não é mais iminente — explicou Idler.

Senhor. A cidade inteirinha ficaria em polvorosa se descobrisse que agentes federais estavam por aí à espera de alguém infringir a lei. E eu não tinha energia para um alvoroço.

— Não preciso de proteção — falei. — Se o tico e o teco de Duncan Hugo estiverem funcionando, ele não dará sopa por aqui. Ele já desapareceu há muito tempo.

Pelo menos era o que eu dizia a mim mesmo tarde da noite, quando não conseguia pregar os olhos.

— Com todo o respeito, chefe, foi você quem levou um tiro. Tem sorte de ainda estar aqui — disse Graham com uma contração presunçosa no bigode.

— E a noiva e a sobrinha do meu irmão? Hugo as raptou. Elas vão receber proteção?

— Não temos motivos para acreditar que Naomi e Waylay Witt estejam em perigo neste momento — afirmou ela.

A pontada no meu ombro progrediu para um latejamento que se igualava ao na minha cabeça. Eu estava sem disposição e paciência e, se não tirasse aquelas duas malas sem alça do meu gabinete, não sei se poderia manter as coisas civilizadas.



Reunindo o máximo de charme sulista que pude, levantei-me de trás da minha mesa.

— Entendido. Agora, se me dão licença, tenho uma cidade para servir.

Os agentes se levantaram e trocamos apertos de mão superficiais.

— Eu agradeceria se me mantivessem informado. Já que eu tenho um “interesse pessoal” e tal — falei quando eles chegaram à porta.

— Vamos nos certificar de compartilhar o que pudermos — disse Idler.
— Também aguardaremos uma ligação sua assim que você se lembrar de algo do atentado.

— Pode deixar — falei com os dentes cerrados. Entre a tríade de feridas físicas, perda de memória e entorpecimento, eu era uma sombra do homem que tinha sido.

— A gente se vê — disse Graham. Parecia uma ameaça.

Esprei darem o fora da minha sala antes de tirar o casaco do cabideiro. O buraco no meu ombro protestou quando enfiei o braço na manga. O buraco no meu torso não ficou para trás.

— Tudo certinho, chefe? — perguntou Grave quando saí para o escritório aberto.

Em circunstâncias normais, meu sargento teria insistido num relato detalhado da reunião, seguido de uma hora de falatório sobre merdas jurisdicionais. Porém, desde que eu levei um tiro e quase morri, todo mundo estava fazendo o possível para me tratar com a maior delicadeza.

Talvez eu não estivesse escondendo as coisas tão bem como pensava.

— Sim — falei, mais severo do que pretendia.

— Vai sair? — instigou.

— Vou.

A nova e entusiasmada policial da patrulha levantou da cadeira como se o assento estivesse cheio de formigas.

— Se quiser almoçar, posso pegar algo para o senhor na Dino's, chefe — ofereceu.

Nascida e criada em Knockemout, Tashi Bannerjee era recém-formada na academia de polícia. Agora, seus sapatos brilhavam e seu cabelo escuro estava preso em um coque perfeito de acordo com os regulamentos. Porém, quatro anos atrás, ela foi multada no ensino médio por andar a cavalo pelo drive-thru de um fast food. A maior parte do departamento tinha pisado



na bola em algum momento da juventude, o que tornava mais significativo optarmos por defender a lei em vez de burlá-la.

— Posso comprar a porcaria do meu próprio almoço — vociferei.

Seu semblante entristeceu por apenas um segundo antes de se recuperar, dando-me a sensação de ter acabado de chutar um filhotinho. *Porra*. Eu estava virando o meu irmão.

— Agradeço a oferta — acrescentei em um tom um pouco menos hostil.

Ótimo. Agora eu tinha que fazer algo gentil. Outra vez. Mais um gesto de “desculpa por ser um babaca” para o qual não tinha energia. Até agora, esta semana, eu tinha trazido café, rosquinhas e — após um ataque de fúria particularmente constrangedor por causa do termostato do escritório — barras de chocolate do posto de gasolina.

— Vou para a fisio. Volto em uma hora.

Com isso, saí para o corredor e caminhei em direção à saída como se tivesse coisas para resolver, caso alguém tentasse puxar conversa.

Esvaziei minha mente e tentei me concentrar no que estava acontecendo bem na minha frente.

Fui atingido com força total pelo outono da Virgínia do Norte quando atravessei as portas de vidro do Prédio Municipal Knox Morgan. O sol brilhava num céu tão azul que machucava os olhos. As árvores ao longo da rua estavam fazendo um espetáculo com suas folhas que foram de verdes a avermelhadas, amarelas e laranjas. Abóboras e fardos de feno dominavam as vitrines do centro da cidade.

Levantei a vista com o barulho de uma motocicleta e vi Harvey Lithgow passar. Havia chifres de diabo em seu capacete e um esqueleto de plástico amarrado ao assento atrás dele na posição vertical.

Ele levantou a mão em cumprimento antes de ribombar estrada afora a pelo menos quinze quilômetros por hora acima do limite de velocidade afiado. Sempre desafiando os limites da lei.

O outono sempre fora a minha época preferida. Novos começos. Garotas bonitas em suéteres macios. Temporada de futebol. Volta às aulas. Noites frias aquecidas por bourbon e fogueiras.

Mas agora tudo estava diferente. *Eu* estava diferente.

Por ter mentido sobre a fisioterapia, eu não podia ser visto almoçando no centro da cidade, por isso fui para casa.



Faria um sanduíche que não tinha vontade de comer, me sentaria em solidão e tentaria encontrar uma maneira de sobreviver ao resto do dia sem ser muito escroto.

Eu precisava entrar no eixo. Não era tão difícil lidar com papeladas e aparecer algumas vezes como o responsável inútil que eu era agora.

— Bom dia, chefe — cumprimentou-me Tallulah St. John, nossa mecânica local e sócia do Café Rev, enquanto atravessava fora da faixa bem na minha frente. Suas longas tranças pretas estavam sobre o ombro de seu macacão. Ela estava com uma sacola de supermercado numa mão e um café, provavelmente feito pelo marido, na outra.

— Bom dia, Tallulah.

O passatempo favorito de Knockemout era ignorar a lei. Enquanto eu me apegava ao preto e branco, às vezes parecia que as demais pessoas ao meu redor viviam inteiramente no cinza. Fundada por rebeldes sem lei, a minha cidade não simpatizava muito com regras e regulamentos. O chefe de polícia anterior tinha ficado feliz em deixar os cidadãos se defenderem sozinhos enquanto ele exibia o distintivo como um símbolo de status e usava sua posição para ganho pessoal por mais de 20 anos.

Eu já era chefe havia quase cinco anos. Esta cidade era a minha casa, os cidadãos eram a minha família. Claramente eu havia falhado em ensiná-los a respeitar a lei. E agora era apenas uma questão de tempo até que todos percebessem que eu já não era capaz de protegê-los.

Meu telefone tocou no bolso, e estendi a mão esquerda para pegá-lo antes de lembrar que não o carregava mais daquele lado. Xingando baixo, consegui tirá-lo.

Knox: Diga aos federais que deixem de encher o seu saco, o meu saco e, aproveitando, o saco da cidade toda.

Claro que o meu irmão sabia dos federais. Um alerta foi provavelmente emitido no segundo em que o sedan chegou à via principal. Mas eu não estava disposto a discutir isso. Eu não estava disposto a nada.

O telefone tocou na minha mão.

Naomi.

Até pouco tempo atrás eu estaria bem animado para atender a essa ligação. Eu tinha uma queda pela garçonete nova na cidade que enfrentava uma onda de azar. Mas ela tinha, inexplicavelmente, se apaixonado pelo meu ir-



mão ranzinza. Eu tinha desistido da paixonite — foi mais fácil do que eu pensava —, mas tinha gostado da irritação de Knox sempre que a sua futura esposa ia ver como eu estava.

Agora, porém, parecia mais uma responsabilidade com a qual eu simplesmente não conseguia lidar. Enviei a ligação para o correio de voz enquanto virava a esquina da minha rua.

— Bom dia, chefe — bradou Neecey, arrastando o cavalete de anúncio da pizzaria enquanto atravessava a porta. A Dino's abria às 11h, sete dias por semana. O que significava que eu só tinha trabalhado por quatro horas antes de meter o pé. Um novo recorde.

— Bom dia, Neece — falei sem entusiasmo.

Eu queria ir para casa e fechar a porta. Isolar-me do mundo e afundar na escuridão. Não queria parar a cada dois metros para bater papo.

— Ouvi dizer que aquele policial federal com bigode ficará por aqui. Acha que ele vai gostar da estadia na pousada? — perguntou com um brilho perverso nos olhos.

A mulher era uma fofqueira de óculos que mastigava chicletes e conversava com metade da cidade em todos os turnos. Mas ela tinha razão. A pousada de Knockemout era o sonho erótico da vigilância sanitária. Tinha violações em todas as páginas do manual. Alguém precisava comprar aquela porcaria e demoli-la.

— Desculpa, Neece. Preciso atender — menti, levando o telefone ao ouvido, fingindo que tinha recebido uma ligação.

No segundo em que ela voltou para dentro, guardei o telefone e corri o resto do caminho até a entrada do meu apartamento.

Meu alívio durou pouco. A porta da escada, toda em madeira entalhada e vidro grosso, estava aberta com uma caixa escrita *Arquivos* em uma caligrafia elegante.

Ainda encarando a caixa, entrei.

— Filha da puta! — A voz de uma mulher que não pertencia à minha vizinha idosa ecoou do alto.

Olhei para cima enquanto uma mochila preta rolava as escadas em minha direção, parecendo uma bola-de-feno de grife. No meio do degrau, um par de pernas longas e magras chamou minha atenção.



Elas estavam cobertas por uma elegante calça legging da cor de musgo, e a vista continuava melhorando. O suéter cinza felpudo era curto e permitia ver a pele lisinha e bronzeada sobre o músculo firme, enquanto destacava curvas sutis. Mas era o rosto que mais chamava atenção. Maças do rosto esculpidas. Olhos grandes e escuros. Lábios carnudos franzidos de aborrecimento.

O cabelo dela — tão escuro que era quase preto — estava curtinho e repicado e parecia que alguém tinha acabado de enfiar os dedos nele. Meus dedos flexionaram ao meu lado.

Angelina Solavita, mais conhecida como Lina ou ex-namorada do meu irmão havia muito tempo, era uma gata. E estava na minha escada.

Isso não era bom.

Inclinei-me e peguei a bolsa aos meus pés.

— Desculpe por atirar minha bagagem em você — falou ela enquanto lutava para subir os últimos degraus com uma grande mala de rodinhas.

Eu não tinha do que reclamar com a visão, mas tinha sérias preocupações quanto a sobreviver a papos-furados.

O segundo andar abrigava três apartamentos: o meu, o da Sra. Tweedy e um vazio ao lado do meu.

Eu estava de saco cheio de morar do outro lado do corredor de uma viúva idosa que não tinha muito respeito pela privacidade e pelo espaço pessoal. Eu não tinha interesse em aumentar minhas distrações em casa. Nem mesmo quando elas tinham a aparência da Lina.

— Vai se mudar para cá? — questionei quando ela reapareceu no topo da escada. As palavras soaram forçadas e minha voz, tensa.

Ela abriu um daqueles sorrisinhos sensuais.

— Sim. O que tem para o jantar?

Observei-a descer as escadas correndo, com velocidade e graça.

— Acho que você pode arranjar algo melhor do que o que eu tenho para oferecer. — Não ia ao mercado havia... Beleza, eu não me lembrava da última vez em que havia entrado na Grover's Groceries para comprar comida. Estava vivendo às custas de comida para viagem quando me lembrava de comer.

Lina parou no último degrau, deixando-nos olho no olho, e me olhou de cima a baixo lentamente. O sorriso se alargou.

— Não se menospreze, seu convencido.



Ela me chamou disso pela primeira vez havia algumas semanas, quando deu um jeito na burrice que fiz com meus pontos ao tirar meu irmão de uma enrascada. Na ocasião, eu deveria ter pensado na avalanche de papelada com que teria de lidar graças a um sequestro e ao tiroteio que se seguiu. Em vez disso, sentei-me encostado na parede, distraído pelas mãos calmas e competentes de Lina, pelo seu perfume refrescante e doce.

— Você está flertando comigo? — Eu não tinha intenção de deixar escapar, mas eu estava de pé por pura força de vontade.

Pelo menos não tinha dito que gostava do cheiro do amaciante que exalava de sua roupa.

Ela arqueou uma sobrancelha.

— Você é o meu novo vizinho gato, o chefe de polícia e o irmão do meu namorado da faculdade.

Ela se aproximou alguns centímetros, e uma única faísca de algo cálido se agitou em minha barriga. Eu queria me agarrar a essa faísca, pegá-la nas mãos até que o meu sangue gélido descongelasse.

— Eu *adoro* ideias ruins. E você? — Seu sorriso era perigoso agora.

O Velho Eu teria ativado o charme. Teria gostado de um bom flerte. Teria apreciado a atração mútua. Mas eu já não era esse homem.

Levantei sua mala pela correia. Seus dedos se enroscaram nos meus quando ela a pegou. Nossos olhares se encontraram e se detiveram. A centelha se multiplicou numa dúzia de brasas minúsculas, quase o suficiente para me lembrar de como era sentir alguma coisa.

Quase.

Ela estava me observando atentamente. Aqueles olhos castanhos da cor de uísque me encaravam como se eu fosse um livro aberto.

Retirei os dedos dos dela.

— Com o que você disse que trabalhava? — perguntei. Ela havia mencionado brevemente, falado que era chato pra dedêu e mudou de assunto. Mas ela tinha olhos que não perdiam nada, e eu estava curioso para saber que trabalho a permitia ficar onde Judas perdeu as botas, na Virgínia, por semanas seguidas.

— Seguros — disse ela, jogando a mochila sobre um ombro.

Nenhum de nós dois recuou. Eu, porque as brasas eram a única coisa boa que eu sentia em semanas.



— Que tipo de seguros?

— Por quê? Está atrás de um novo? — brincou ela conforme começava a se afastar.

Mas eu queria que ela ficasse por perto. Precisava que ela acendesse aquelas faíscas fracas para ver se havia algo dentro de mim que valesse a pena queimar.

— Quer que eu carregue? — ofereci, apontando para a caixa de arquivos encostada na porta. O sorriso desapareceu.

— Eu dou conta — disse ela rapidamente, movimentando-se para passar por mim.

Bloqueei seu caminho.

— A Sra. Tweedy arrancaria meu couro se descobrisse que a fiz subir a escada com aquela caixa — insisti.

— Sra. Tweedy?

Apontei para cima.

— 2C. Ela saiu com o grupo de musculação. Mas logo você a conhecerá. Ela vai se certificar disso.

— Se saiu, ela não saberá que você preferiu se preocupar com os seus ferimentos em vez de insistir em carregar uma caixa por um lance de escadas — salientou Lina. — Como anda a cicatrização?

— Bem — menti.

Ela fez “hum” e ergueu a sobrancelha outra vez.

— É mesmo?

Ela não acreditou em mim. Mas meu desejo por aqueles pequenos fragmentos de sentimento era tão forte, tão desesperado, que eu não me importei.

— Novinho em folha — insisti.

Ouvi um toque baixo e vi o lampejo de aborrecimento quando Lina pegou o telefone de algum bolso escondido no cós de sua calça legging. Foi apenas um vislumbre, mas visualizei “Mãe” na tela antes de ela clicar em Ignorar. Parecia que nós dois estávamos evitando a família.

Arrisquei-me e aproveitei a distração para pegar a caixa, fazendo questão de usar o meu braço esquerdo. Meu ombro latejou, e uma gota fria de suor percorreu minhas costas. Porém, assim que nossos olhares se cruzaram de novo, as faíscas voltaram.



Não sabia o que era, só que eu precisava disso.

— Vejo que a teimosia dos Morgan é tão forte em você quanto no seu irmão — observou ela, enfiando o telefone de volta no bolso. Ela me olhou de cima a baixo outra vez antes de se virar e começar a subir as escadas.

— Falando no Knox — eu disse, lutando para manter minha voz natural — presumo que você esteja no 2B?

Meu irmão era o dono do edifício, que incluía o bar e a barbearia no térreo.

— Agora estou. Eu estava hospedada na pousada — afirmou ela.

Fiz uma oração de agradecimento por ela subir as escadas mais devagar do que desceu.

— Acredito que não tenha durado muito tempo lá.

— Essa manhã vi um rato trocar tapas com uma barata do tamanho do rato. Foi o fim da picada — disse ela.

— Poderia ter ficado com o Knox e a Naomi — falei, forçando as palavras antes que eu estivesse esbaforido demais para falar. Eu estava fora de forma, e a bunda dela bem torneada naquela calça legging não ajudava em nada a minha resistência cardiovascular.

— Gosto de ter meu próprio espaço — disse ela.

Chegamos ao topo da escada, e eu a segui até a porta aberta ao lado da minha, enquanto um rio de suor gelado serpenteava pelas minhas costas. Eu precisava urgentemente voltar para a academia. Já que eu ia ser um cadáver ambulante pelo resto da vida, pelo menos seria alguém capaz de lidar com uma conversa num lance de escadas.

Lina largou a mochila dentro do apartamento antes de se virar para pegar a caixa de mim.

Mais uma vez, os nossos dedos se tocaram.

Mais uma vez, senti algo. E não foi apenas a dor no ombro e o vazio no peito.

— Valeu pela ajuda — disse ela ao pegar a caixa.

— Se precisar de alguma coisa, estou bem ao lado.

Aqueles lábios se curvaram levemente.

— É bom saber. Nos vemos por aí, seu convencido.

Fiquei plantado no local mesmo após ela fechar a porta, esperando até que cada uma daquelas brasas se apagassem.





DOIS

TÁTICAS DE EVASÃO

Lina

Fechei minha nova porta na cara de um ferido e taciturno Nash Morgan de 1,86 metro.

— Nem pense nisso — murmurei para mim mesma.

Geralmente eu não estava nem aí para correr riscos, brincar com um pouco de fogo. E era exatamente isso que seria conhecer o Sr. Certinho, como as mulheres de Knockemout o apelidaram. Mas eu tinha coisas mais urgentes a fazer do que flertar para afastar a tristeza que envolvia o Nash.

Ferido e taciturno, pensei novamente enquanto carregava os meus arquivos para o outro lado da sala.

Não me surpreendia eu me sentir atraída. Embora eu preferisse o estilo de vida curtir e vazar, não havia nada que eu amasse mais do que um desafio. E ver por trás da fachada, desenterrar o que ocasionou aquelas sombras em seu triste olhar de herói seria exatamente isso.

Mas Nash tinha cara de quem gostava de relacionamentos duradouros, e eu era alérgica a relacionamentos.

Uma vez que você mostra interesse em alguém, a pessoa começa a pensar que isso lhe dá o direito de te dizer o que fazer e como fazê-lo, duas coisas que não suporto. Eu gostava de curtir, de sentir a emoção de flertar. Eu gostava de brincar com as peças de um quebra-cabeça até ter a imagem completa e, em seguida, passar para o próximo. E, nos entremeios, eu gostava de entrar